

A “Outrocentricidade” de Jesus

Marcos 6.30-34

Tiago Abdalla T. Neto

INTRODUÇÃO

Lembro-me de uma situação recente em que cuidava de um menininho com cerca de um ano e meio de idade. Ele estava passeando e vendo a motoca de outro neném, se aproximou, empurrou o menino da motoca e sentou em cima dela. Quando o menino empurrado queria sentar na motoca que lhe era de direito, o usurpador se negava a sair e chorava fortemente quando alguém tentava tirá-lo do brinquedo. Esse é o retrato puro e simples do egoísmo humano inato no coração do homem.

Recordo, também, de outro momento, quando eu era pequeno e estava ao lado de um menininho que acabara de ser adotado por sua mãe. Estávamos conversando e segurávamos bexigas em nossas mãos. Olhei para o menininho recém adotado e lhe perguntei, apontando para outro menino próximo de nós: “O que você faria se a bexiga daquele menino estourasse?”. Ele me respondeu: “Ah, eu daria a minha pra ele”.

Olhando para estas situações, percebo que o retrato constante de Jesus descrito no evangelho de Marcos é completamente diferente daquele menininho egoísta da primeira ocasião. Encontramos um Jesus altruísta, ou melhor, “outrocêntrico”. Parece muito com o menininho da segunda situação, que foca nas necessidades e carências reais do outro e procura satisfazê-las de um modo correto e completamente desinteressado. Não se concentra nos seus interesses, mas assume a “forma de servo”. Esse típico retrato é o que vemos em Marcos 6.30-34, e é para lá que o convidado, a fim de aprendermos mais a respeito do “outrocentrismo” de Jesus.

A PREOCUPAÇÃO DE JESUS COM O DESCANSO DOS DISCÍPULOS – vv. 30-32

O texto começa com o relato do retorno dos discípulos a Jesus depois de sua missão. Aqui os discípulos são chamados de apóstolos. Esta é a primeira vez que são denominados assim em Marcos.¹ Talvez, não no sentido específico que receberão mais à

¹ Provavelmente Mc 3.14 não estivesse no original, pela esmagadora evidência dos manuscritos.

frente, especialmente no livro de Atos e nas cartas de Paulo, mas apenas no sentido daqueles que foram “enviados” para a missão dos versos 7 a 13.

Ao chegarem perto de Jesus, se reúnem junto a ele. Dão o relatório pormenorizado de todas as coisas que fizeram e ensinaram. Tudo isso, sob a autoridade legada de Cristo (v. 7). Perceberam que “em Cristo” tudo poderiam fazer e experimentaram o poder do reino de Deus num ministério produtivo. Algo extraordinário! “Sem mim vocês não podem fazer nada... Se vocês permanecerem em mim, e as minhas palavras permanecerem em vocês, pedirão o que quiserem, e lhes será concedido” (Jo 15.5, 7).

Vemos, também, o ministério “full time” de Jesus. Ele não enviou os discípulos para ter um tempinho de férias; antes, continuou seu ministério, paralelamente ao trabalho deles (cf. Mt 11.1). Por isso, muita gente ia e vinha atrás de Jesus e o quadro já descrito, anteriormente, também mostra Jesus e os discípulos sem tempo até para comer (cf. Mc 3.20). “Meu Pai continua trabalhando até hoje, e eu também estou trabalhando... porque o que o Pai faz, o Filho também faz” (Jo 5.17, 19).

Assim, surge a proposta “indecente” de Jesus, que discípulo algum resistiria: “Venham comigo para um lugar deserto, à parte, e descansem um pouco” (v. 31). Ele queria ter um tempo *a sós* com os seus discípulos (*katá idían* em 31 e 32). Sabia da importância daqueles homens descansarem e renovarem suas forças com a alimentação. Entendia a importância, ainda maior, de terem um tempo entre eles de comunhão ininterrupta, a fim de se renovarem espiritualmente ao lado do Mestre.

Eles partem para a prática da proposta. Pegam um barco e *a sós* vão para um lugar deserto na região de Betsaida (cf. Lc 9.10). Eles conseguem ter esse tempo... pelo menos, enquanto estiveram no barco com Jesus.

APLICAÇÃO

Essa primeira parte do texto mostra a preocupação de Jesus para com aqueles que se envolvem com seu projeto de reino. Com aqueles que, à semelhança do Filho do homem, servem e dão sua vida em favor de outros (Mc 10.43-45).

Percebemos que Jesus não quer um serviço intenso que não separe tempo para a renovação de força física e, especialmente, espiritual, desfrutando da companhia dele. Antes de tudo, precisamos estar com ele, para depois exercer nosso ministério querigmático e diaconal (Mc 3.14, 15). Nada de ativismo! A vida cristã deve funcionar de modo equilibrado.

Um serviço que se desgasta sem a renovação devida, acaba perdendo o sentido e significado real, pois se faz apenas por fazer. Como diria a música de um amigo, não podemos deixar “de orar e buscar Tua face em troca da Tua própria obra”.

A COMPAIXÃO DE JESUS DIANTE DA CARÊNCIA DE PALAVRA DO POVO - vv. 33-34

A curiosidade e interesse do povo por Jesus eram de dar inveja a qualquer *paparazi*. Ao verem Jesus e os discípulos partindo de barco, muitos os reconheceram e pessoas de muitas cidades do norte da Galiléia correram para o lugar para onde o barco se dirigia, e chegaram ali até antes do desembarque deles.

Ao sair, Jesus observa aquela multidão carente, “como ovelhas sem pastor”. No Antigo Testamento essa expressão fora usada na hipótese de ausência de um líder espiritual e militar na época da conquista da terra (Nm 27.17) e, mais especificamente, para o rei como líder militar na guerra durante a época do reino dividido (2 Rs 22.17). É Ezequiel quem denuncia a carência de liderança espiritual devido à ausência de verdadeiros pastores que cuidassem do povo de Deus (Ez 34.1-10). Diante disso, o próprio Deus viria para buscar as suas ovelhas e cuidar de Seu rebanho (Ez 34.11ss). Sem dúvida, encontramos em Jesus o próprio Deus encarnado indo na direção daquelas ovelhas perdidas que precisam do Seu cuidado e pastoreio.

O verbo usado para “ter compaixão” é bem gráfico no grego. Era usado para descrever a dor no intestino de uma pessoa. Passou, então, a indicar compaixão, num sentido figurado. Ela, quase sempre, é usada no grego para descrever a compaixão de Jesus, ou a compaixão de Deus nas parábolas. Apenas na parábola do bom samaritano indica o sentimento que um homem deve ter pelo seu próximo. A situação miserável daquelas pessoas desorientadas movia Jesus por um sentimento interno de misericórdia em direção a elas.

Qual era a carência do povo? Fome, opressão econômica, falta de terra, ou tantas outras coisas usadas com tanta ênfase pela teologia da libertação e, às vezes, pela teologia da missão integral? Não, nada disso. A maior carência do povo era orientação espiritual. O que faltava ao povo era o reino de Deus em suas vidas (cf. Lc 9.11). Por isso, Jesus, como o Bom Pastor, as alimenta, ensinando muitas coisas.

APLICAÇÃO

Como igreja de Jesus, seguindo a pastoral de nosso Mestre, não podemos esquecer-nos de olhar para aqueles que estão perdidos e precisam da mensagem do reino de Deus em suas vidas. Claro que o social faz parte, mas, antes de tudo, o espiritual precisa experimentar a transformação salvadora do Reino trazido por Jesus. O papel querigmático tem lugar prioritário em nossa agenda, pois, “de que adianta o homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?”.

A mensagem do evangelho deve ser parte da ministração constante de uns para com os outros no nosso contexto de igreja. O que mais precisamos é da Palavra de Deus e boa parte de nosso ministério é instruir e aconselhar uns aos outros (Cl 3.16, 17). A compaixão, em alguns momentos será dar o alarme de aviso àquele irmão que insiste em continuar no seu pecado contra Deus. Em outros, será lembrar da bondade e sabedoria de Deus a alguém que passa por aflição e sofrimento.

Sempre a Palavra será abundante e completamente necessária às diversas situações de nossas vidas como igreja de Cristo e, sem dúvida, aos perdidos que necessitam conhecer as boas novas que transformam a realidade daqueles que as experimentam. Mostrar compaixão, portanto, é dispensar a Palavra de Cristo com fidelidade e amor.